
ESPORTE EDUCACIONAL: ESPORTE NA ESCOLA E ESPORTE DA ESCOLA

Prof. Silvino Santin

INTRODUÇÃO

Quatro pontos introdutórios para, no meu entender, facilitar a compreensão da minha reflexão, entretanto devo dizer, antecipadamente, que não pretende chegar a conclusões definitivas. Ao contrário, o objetivo maior consiste em provocar inquietações e, acima de tudo, incentivar estudos e pesquisas sobre este assunto.

Primeiro ponto

O tema Esporte Educacional e sua presença na escola não é um tema novo. O que me chamou a atenção nas minhas leituras recentes, em especial para preparar a minha palestra, foi o fato de que não se pensa o esporte educacional autonomamente, mas vinculado à educação física. O seu ingresso na escola aconteceu através da inclusão da educação física como disciplina da grande curricular

Mais, o que me chamou a atenção nesta constatação de que apesar do tema não ser novo, e, o que parece estranho, não se chegou a uma definição, nem quanto ao seu conceito, nem quanto a sua função no processo educacional. Assim mesmo os estudos e os debates caíram num segundo plano. Portanto, a sua retomada merece todo apoio.

Segundo ponto

A constatação da estreita vinculação entre esporte educacional e educação física me levou a relacionar a retomada do tema esporte educacional e a escola ao fato da distinção entre os cursos de Licenciatura e Bacharelado. O debate sobre os perfis do licenciado e do bacharel, entre outras diferenças, certamente, deverá haver uma compreensão diferenciada do esporte e, em particular, de seus valores, ideologias ou funções.

Terceiro ponto

Esta reflexão, para ter consistência acadêmica e filosófica, talvez, científica precisa definir uma ordem lógica ou uma espinha dorsal de sustentação. E tal exigência começa por definir os conceitos presentes no título da palestra e explicitar o seu enunciado.

Neste sentido será preciso entrar na semântica das palavras e na ordenação lógico-gramatical do título, condição primeira para iniciar o desenho deste discurso, isto é, a estrutura lógica do meu raciocínio.²⁹⁹

Quarto Ponto

²⁹⁹ Não posso repetir o raciocínio dos dois amestrados de aranha, supostamente, portugueses, que após terem amputado todas as patas da aranha em exercícios de treinamento, e como não mais obedece às ordens de movimento, concluíram que uma aranha sem patas fica surda.

Ciente desta exigência de coerência lógica, chego ao momento mais difícil da minha tarefa. Devo reconhecer, assim que comecei aplicar meus conhecimentos de metodologia hermenêutica, percebi que entrara num labirinto sem o fio de Ariadne.³⁰⁰ Diante deste desafio, resolvi apelar para o pensamento de Edgar Morin e outros pensadores, identificados como pós-modernos, que tratam do paradigma de complexidade. Um fenômeno complexo, dizem eles, não se pode querer simplificar. O que é complexo deve ser respeitado em sua ordenação complexa, caso queiramos preservar sua especificidade.

Daqui para frente tentarei obedecer ao mandamento maior do paradigma da complexidade que é apreender o fenômeno sempre como um todo integrado, nunca por partes isoladas como nos ensinam as lógicas do pensamento analítico.

Colocados esses quatro pontos, vocês poderão julgar se eu vou conseguir cumprir corretamente a minha tarefa. Portanto, a primeira preocupação deve concentrar-se sobre o fenômeno esporte. O esporte, em geral, e o esporte educacional, em particular, pois sem uma compreensão do esporte será difícil falar em esporte educacional. Uma vez vencido esse obstáculo – para falar esportivamente – surge a segunda preocupação, que deve decifrar as duas figuras gramaticais, conhecidas como contrações de artigo com preposição, a saber: em+a=na (na escola) e de+a=da (da escola).

1. O ESPORTE

Ao iniciar a interpretação do que diz a palavra esporte percebi que estava diante de um universo ilimitado, e me lembrei de compará-lo ao universo do trabalho. Esporte e trabalho, dois conceitos muito próximos e, ao mesmo tempo, muito distantes. Parece que o do trabalho é maior, porque o esporte pode se tornar trabalho, e não acontece o contrário. Ou haveria reversibilidade?

Apenas para lembrar. Nós, desde os gregos, fomos habituados a pensar e a falar conceitualmente. Um conceito, todos sabem, é uma representação mental de uma coisa, de uma ação, de um fenômeno. Esta tecnologia lingüística facilitou o processo de teorização, a comunicação e o diálogo. Não há necessidade da presença do objeto sobre o qual se fala. Assim, quando pronunciamos uma palavra, supõe-se que todos entendem a mesma coisa. No presente caso, ao pronunciar a palavra esporte acredita-se que todos os presentes têm a mesma representação mental. Sabem a que objeto ou fenômeno se refere.

O conceito, repetindo, diz o que um objeto é, ou seja, diz sua essência, e fazendo isto o identifica e o distingue de todos os outros objetos. Portanto, o conceito esporte diz em que consiste esta ação humana e a distingue de todas as outras atividades dos seres humanos.

Agora, eu pergunto: todos vocês, aqui presentes, têm a mesma compreensão de esporte? E todos sabem identificar quais são as práticas esportivas e, conseqüentemente, distingui-las das que não o são?

Eu tentei responder a essas perguntas. Pensei que soubesse, mas encontrei dificuldades por que, provavelmente, nunca me tenha colocado seriamente a questão. Inicialmente fiz referência ao que diz Sto. Agostinho a respeito do tempo: “Todos pensamos que sabemos o que é o tempo, mas quando perguntados não sabemos responder”. Eu espero que vocês saibam. De minha parte recorri a dicionários, enciclopédias e diferentes tratados sobre teorias dos jogos e esporte, sem conseguir

³⁰⁰ “O problema mais difícil do mundo, bem enunciado, um dia será resolvido, mas se o problema for mal enunciado, jamais será resolvido”. Mário Henrique Simonsen.

superar as minhas dúvidas. Pior, aumentaram. Então para não desistir e continuar a minha reflexão, em obediência ao paradigma da complexidade, vou me movimentando em círculo.

Muito gostaria me deter neste ponto e apresentar algumas idéias, em especial, aquelas que, para mim, foram as mais desafiadoras, a começar pela polissemia do conceito esporte, tanto em termos gerais, quanto em termos específicos da educação; passando para o do processo de perda da identidade cultural, pelo fenômeno da globalização das práticas esportivas, pela cientificização e tecnologização do gesto esportivo e do corpo, pela vinculação com os princípios do sistema produtivo, até chegar à imprecisão do estabelecimento do significado pedagógico do esporte no processo escolar e fora.

Um ponto é preciso destacar: a maior parte da literatura revisada, no contexto do pensamento francês e alemão, está concentrada na sociologia. E o eixo central deste tratamento sociológico, em grande parte, gira em torno da crítica do modelo capitalista adotado pelo esporte moderno, cujo mestre maior é Jean-Marie Brohm.³⁰¹ Já Pierre Parlebas, em sua obra Elementos de uma sociologia do esporte, segue uma linha mais filosófica. Não posso deixar de lembrar os mais citados, Huizinga e Caillois que apresentam estudos antropológicos do esporte, Homo Ludens e Os Jogos e os Homens respectivamente.

Na linha pedagógica, em geral, os autores incluem os esportes no contexto da educação física, especialmente ao tratar da questão do movimento. Aqui incluiria, entre outros, Trebels, Tamboer e Landau, cujo trabalho tem uma grande influência na Alemanha, inclusive, os dois primeiros divulgados, entre nós, pelo Professor Elenor Kunz. Os três já estiverem várias vezes entre nós.

Chegar a uma definição completa de esporte é, praticamente, impossível. Acredito que, para o bom andamento da minha reflexão, preciso assumir uma definição de esporte baseado nos elementos comuns presentes desde os filósofos Pascal (1623-1662) e Leibniz (1646-1716), embora o termo esporte ainda não existisse, pois teria surgido na Inglaterra pelo ano de 1828.³⁰²

Observando atentamente os diferentes autores me convenci de que o esporte é uma institucionalização, uma reordenação e uma reorganização normativas de um fato anterior. Esse fato anterior é o jogo.³⁰³

Em princípio o esporte não seria uma atividade original, mas a institucionalização de uma atividade anterior, o jogo. Assim, o jogo, antes de receber a estrutura de esporte, foi definido por Parlebas “como uma atividade física ou mental totalmente gratuita que não tem na consciência de quem a pratica, outro objetivo que o prazer que ela proporciona”.³⁰⁴ O jogo, seguindo o mesmo autor, se torna esporte quando recebe como referencia maior uma regulamentação estabelecendo parâmetros obrigatórios para ser praticado. Assim ele o define: “Esta atividade (jogo) organizada por um sistema de regras definindo um sucesso ou um fracasso, um ganho ou uma perda”³⁰⁵ Após essas distinções Parlebas passa a falar de Jogos Esportivos e pouco usa o termo Esporte. Quanto aos jogos esportivos, que são, para ele, de duas categorias – institucionais e não institucionais ou tradicionais – assim os define: “Por jogos esportivos nós entendemos toda situação motora de confronto

³⁰¹ Junto com Jean-Marie Brohm, pode-se colocar Pierre Laguillaumie com sua obra Para uma crítica fundamental do esporte; J. L. Levet com Esporte, economia e política.

³⁰² O esporte, segundo alguns autores, ou se quisermos a esportivização dos jogos tradicionais e populares, teria suas origens já no século XVIII, mas de fato sua consolidação acontece no final do século XIX e início do século XX..

³⁰³ Assumo aqui o sentido amplo de jogo como expressão de ludicidade, o que ocorre na língua francesa e alemã, portanto nele está contido o nosso conceito de brinquedo.

³⁰⁴ Parlebas, Pierre. Éléments de sociologie du Sport. P. 50

³⁰⁵ Parlebas, P. Op.Cit. p. 51

codificada, denominada ‘jogo’ ou ‘esporte’ pelas instâncias sociais”.³⁰⁶

Antes de apresentar essas definições, é bom lembrar que o próprio Parlebas reconhece que “poucos termos oferecem um conteúdo semântico tão variado e também confuso como aquele do jogo”.³⁰⁷

Outro grande problema, que Parlebas levanta, é a enorme dificuldade de assegurar quais atividades físicas ou mentais podem ser consideradas jogos ou jogos esportivos. Ele lembra que Huizinga escreveu que “tudo é jogo”. E refere-se a autores que incluíram como jogo a filosofia, a poesia, a arte ou a guerra (Huizinga).³⁰⁸

Diante do que foi exposto e com um simples raciocínio lógico, ficou fácil para autores, como Jean-Marie Brohm que, se o esporte é uma instituição funcional fundada em regras precisas, o esporte moderno adotou as regras do sistema produtivo industrial desenvolvido pelo capitalismo.

A esse respeito Brohm escreveu: “É somente com a forma historicamente a mais desenvolvida do modo de produção capitalista que o esporte se torna uma categoria abstrata e simples. Em outras palavras, é a evolução histórica que produziu a categoria abstrata de esporte enquanto reflexo capitalista industrial, da mesma forma que é o trabalho abstrato e simples da maquinismo industrial que produziu a categoria de trabalho em geral”.³⁰⁹

Depois de vincular a invenção do conceito, representação abstrata, de esporte eles passa a analisar as praticas, as instituições, as funções, as ideologias, o potencial político e econômico sob a luz dos interesses e da ideologia capitalista. Portanto o esporte é uma estrutura científica, política, econômica e social, como uma fiel reprodução da ordem capitalista com todas as suas conseqüências.

Preciso voltar e retomar a segunda parte do título, Esporte na Escola e Esporte da Escola.

2. “NA” ESCOLA E “DA” ESCOLA

A questão lingüística que me atormentou desde o início, acabou sendo uma questão simples ou um alarme falso. Isto não significa dizer que ela não seja importante em seu conteúdo, mas simples na sua solução. Pelo menos foi o que eu fiz. Resolvi simplificar. Ainda que fosse possível ficar brincando para ver a abrangência semântica da relação entre na e da em construções proposicionais. Por exemplo, trocando esporte, por professor: O professor na escola e o professor da escola. Ou, pelo ônibus: O ônibus na escola e o ônibus da escola. Nos dois casos, a segunda parte da expressão possui o mesmo significado?³¹⁰

Resolvi simplificar. Não sei se vocês concordam, mas acabei concluindo, talvez, por comodidade, que o esporte na escola é aquele que é assumido, trazido de fora; e esporte da escola o esporte que a escola o assume conforme os princípios de sua filosofia pedagógica. O adapta ao processo educacional. São os princípios pedagógicos a referência, à eles o esporte deve se submeter.

O esporte da escola será, obrigatoriamente, sempre educacional, isto é, ele é um elemento integrante da grande curricular das práticas pedagógicas, como todos os outros elementos do processo escolar educacional. O esporte não pode ser uma atividade periférica na ordem escolar. A questão maior é saber que tipo de educação se pretende desenvolver.

³⁰⁶ Parlebas, P. Op. Cit. p. 46.ss.

³⁰⁷ Parlebas, P. Op. Cit. P. 43.

³⁰⁸ Parlebas, P. Op. Cit. P.43/44

³⁰⁹ Brohm, Jean-Marie, Sociologi Politique du Sport. Paris: Délarge, Éditeur, 1976, p. 32

³¹⁰ Poderia substituir o termo esporte por qualquer outro termo, aí surgiria uma infinidade de situações. Assim, a matemática na e da escola; a história na e da escola; o mapa na e da escola; a filosofia na e da escola; etc.

3. A QUESTÃO DO ESPORTE EDUCACIONAL NO BRASIL

Não vou filosofar sobre a questão educacional, pois julgo que pelo andar da reflexão a questão ficará esclarecida. Julgo interessante lembrar como a questão do esporte educacional foi tratada entre nós ou por intelectuais brasileiros.

3.1. Um “sport” deseducador

Começo pelo primeiro documento que ser o primeiro gesto público, pelo menos pouco conhecido, em relação ao esporte. Refiro-me ao livro de Carlos Sússekind de Mendonça, *O Sport está deseducando a mocidade brasileira*.³¹¹

Na introdução o autor disse: “Eu realizo, hoje, um dos meus poucos sonhos. Tudo faz crer que inutilmente”.

Apenas como ilustração e, talvez, para alguém que sonhe em analisar a obra dele, trago aqui os títulos de três capítulos:

Cap. II – O Sport, mau factor de nossa educação physica.

Cap. III – O Sport, mau factor da nossa educação moral.

Cap. IV – O Sport, mau factor de nossa educação intelectual.

E, para concluir ou estimular algum estudo, segue esta passagem: “Triste é ver como, na Inglaterra, um moço ganha prestígio entre os demais, não por ser tido em consideração pelos seus mestres, mas em razão de seus sucessos esportivos (...) Not tosay greater consideration from his masters, but in proportion to his success in the cricket or football field”. P. 86.

Depois desta informação, aparentemente, folclórica, mas, no meu entender, de grande valor histórico, vou referir-me ao que se tem feito ultimamente, em termos de publicações, políticas públicas e propostas sobre o esporte educacional.

3.2 Uma política governamental.

Em 19 de julho de 1985 o ministro da educação Senador Marco Maciel promulgou um decreto nº 91.452 instuindo uma comissão para realizar estudos a fim de elaborar uma política governamental do desporto nacional. Em 19 de dezembro foi entre o relatório conclusivo dos trabalhos, sendo publicado um documento sob a chancela do Ministério da Educação intitulado UMA NOVA POLÍTICA PARA O DESPORTO BRASILEIRO – Esporte Brasileiro uma Questão de Estado. Nele são tratados temas amplos desde o conceito, manifestações e organização até classificação de esportes por categoria de praticantes.

O aspecto que neste momento, pela característica e limites do meu tema, quero sublinhar é a conclusão estabelecida pelo documento. Depois de vários considerandos, ao tratar do conceito, a comissão apresenta a seguinte definição: “O esporte no Brasil, para efeito de legislação, deve ser considerado como atividade predominantemente física, que enfatize o caráter formativo-educacional, participativo e competitivo, seja obedecendo a regras pré-estabelecidas ou respeitando normas, respectivamente em condições formais e não formais”. Com base nesta definição a comissão estabelece as seguintes manifestações:

- Esporte-educação;

³¹¹Mendonça, Carlos Sússekind de. *O Sport está deseducando a mocidade brasileira*. Rio de Janeiro: Empresa Brasil Editora, 1921. Observação está redigido na antiga ortografia.

- Esporte-participação
- Esporte-performance.

A seguir essas três manifestações gerais são amplamente esplanadas buscando abranger todas as instâncias (jurídica, legislativa, controle de drogas, médica) que envolvem as práticas esportivas, a formas de organização e as categorias ou classes de praticantes.

Quanto ao esporte-educação vou citar, entre outros, três pontos que mereceriam maior atenção e que passo a citar:

1. “CONSIDERANDO que no conceito de esporte indicado para o Brasil a manifestação Esporte-educação é fundamental, pois é aquela que abrange toda a infância e adolescência da população brasileira”.
2. “CONFIRMANDO que as maiores possibilidades de ação educativa do esporte incidem no processo educacional”.
3. “CONHECENDO que muitas vezes os termos Educação Física e Esporte se confundem pela interdependência, quando utilizados no ambiente educacional”.

No final destas colocações a Comissão “indica que o esporte-educação, (...), deve ser entendido como aquela manifestação desportiva que ocorre, principalmente na Escola, (...), a qual tem por finalidade o desenvolvimento integral do homem brasileiro como um ser autônomo, democrático e participante”. Indica, também, “que a manifestação Esporte-educação quando exercida na escola, deve sempre integrar-se aos programas de Educação Física”.

Há, também, outras indicações que apontam objetivos como a fixação de hábitos de prática esportiva; do possível surgimento de talentos para o Esporte-performance; e de uma atenção especial para menor carente.³¹²

Não sei dizer que resultados práticos foram gerados por este documento. Houve, se não me engano, uma tentativa de reformular os JEBs.³¹³

Dez anos depois, em 1995, com a criação do Ministério Extraordinário dos Esportes e do INDESP (Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte) o esporte educacional é retomado no contexto geral dos debates sobre o esporte. Neste sentido, Cezar Barbieri elaborou um documento-ensaio que estabeleceu cinco princípios do esporte educacional:

1. O princípio da totalidade;
2. O princípio da co-educação;
3. O princípio da cooperação;
4. O princípio da participação;
5. O princípio da emancipação;
6. O princípio do regionalismo.

O INDESP promoveu vários encontros de professores e profissionais de várias áreas para debater esses seis princípios propostos. Desses encontros saíram três publicações, todas patrocinadas pelo INDESP, dois em colaboração com a UPE-ESEF e a Universidade Gama Filho.³¹⁴

³¹² Ministério da Educação –Secretaria de Educação Física e Desporto. Brasília: 1985.

³¹³ Particpei em duas edições, se a memória não falha, em 1986 em Campo Grande, MS, e no ano seguinte em Brasília. Escrevi dois textos para os eventos respectivamente, “Pensando Jogos Escolares Brasileiros Alternativos” e “Os Jogos Escolares Brasileiros no Futuro”, publicados em Educação Física, Outros Caminhos p. 75-84 e p. 85-94.

³¹⁴ Esporte com Identidade Cultural. Brasília: INDESP, 1996:

Memórias – Conferências Brasileira de Esporte Educacional, Rio de Janeiro: INDESP/Editora Universidade Gama Filho, 1996.

Esporte Educacional – Uma Proposta Renovada. Recife: INDESP/UPE-ESEF, 1996.

As três coletâneas tiveram uma tiragem de 3.000 exemplares cada uma.

Para concluir esta revisão do tratamento da questão do esporte educacional, não posso deixar de lembrar o programa de EPT, Esporte Para Todos. Atualmente pouco ou nada se fala, embora na década de setenta e início da de oitenta foi um movimento que mobilizou milhões de pessoas, promoveu cursos, realizou dezenas de eventos nacionais e regionais.³¹⁵ Para ser breve limitar-me-ei a algumas informações. O movimento “Esporte para Todos” iniciou na Noruega em 1967 como contraponto ao chamado “Desporto de Alto Rendimento”, que estava marginalizando as atividades esportivas populares. Em pouco tempo se expandiu por diversos países da Europa. No Brasil chegou em 1973 e sua institucionalização oficial aconteceu em 8 de outubro de 1975 através do Plano Nacional de Educação Física de Desporto e pela lei nº 6251.

É importante observar que nos países europeus desenvolvidos o movimento, com denominações variadas, teve o objetivo de proporcionar condições de práticas esportivas já que o progresso havia eliminado, especialmente, o tempo e os espaços para atividades de tempo livre e lazer. No Brasil, a situação do EPT assume dois aspectos. Primeiro, a população não tinha as mesmas exigências dos países desenvolvidos, Enquanto nossas populações pediam comida, habitação e saúde; os europeus pediam condições para o seu lazer e tempo livre. Segundo, o EPT, como bem sublinha Kátia Brandão Cavalcanti, não foi uma reivindicação popular, mas uma imposição governamental para servir de instrumento da ditadura militar no controle mais efetivo dos movimentos de massa e manutenção da ordem vigente.³¹⁶

3.3 Estudos e pesquisas e publicações internos

Apenas algumas observações. Nos limites das minhas leituras e constatações, ousou afirmar que pouco se tratou do esporte educacional, e, quando aparece, está diretamente ligado à educação física e ao fenômeno do movimento. Entre outros autores, sempre nos estreitos limites dos meus conhecimentos, cito João Batista Freire e sua obra Educação de Corpo Inteiro - Teoria e Prática da Educação Física, dirigida, em especial a crianças e adolescentes. A educação física tem como objeto primeiro o movimento. Os jogos são os recursos principais para bom desenvolvimento do movimento.

Elenor Kunz é outro estudioso que coloca o esporte no processo do desenvolvimento humano. Cito, apenas, o item 4.1.3 – O esporte de rendimento – as chances para uma transformação – do livro Educação Física: ensino e mudanças. Logo no primeiro parágrafo ele avisa: “não pretendo negar totalmente o Esporte normativo ou de rendimento. Não se pode considerá-lo apenas uma cultura burguesa ou da classe dominante, ou ainda um meio destituído de qualquer valor pedagógico”.³¹⁷ Quero sublinhar sobre a última parte da citação que reconhece um valor pedagógico do esporte de rendimento.

Por fim, e, inclusive para colocar uma idéia um pouco discordante da anterior, cito Valter Bracht ao afirmar, em seu livro Educação Física e Aprendizagem Social, capítulo III, “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo ... capitalista”.³¹⁸ Esta afirmação, penso não falsear, é o reflexo do pensamento de Jean-Marie Brohm. Ao longo de todo o capítulo, o autor reforça a idéia de

Meus textos pelo ordem acima das coletâneas: Esporte: Identidade cultural. P. 13-25: Esporte-co-educação: em busca de princípios que possibilitem pensar a co-educação; p. 17-41; Esporte educacional: co-educação p.47-69.

³¹⁵ O CEFD da UFSM, no Rio Grande do Sul, foi o centro de comando do EPT.

³¹⁶ Cavalcanti, Kátia Brandão. Esporte Para Todos – Um discurso Ideológico. São Paulo: IBRASA. 1984.

³¹⁷ Kunz, Elenor. Educação Física - ensino e mudanças. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1991. p. 186.

Observação, Kunz, nesta obra, desenvolve uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem do movimento humano, baseado nas idéias de Trebels e Tamboer que propõem a concepção de ensino orientada pela problematização.

³¹⁸ Bracht, Valter. Educação Física e Aprendizagem social. Porto Alegre: Magister LTDA, 1992. p. 57.

que o esporte é um instrumento de controle e dominação a serviço da ideologia dominante.

4. O CARÁTER PEDAGÓGICO ATRIBUÍDO AO ESPORTE

Começo afirmando que todo esporte, incluído como atividade da educação física escolar, é educacional. Negar tal fato seria negar que a educação física não faz parte do processo educacional da escola. Cada esporte, além de sua modalidade ou categoria, de seus objetivos e sua organização, uma vez adotado como prática escolar, certamente, ele foi escolhido com objetivos pedagógicos. Ou não?

É bom não esquecer que as grades curriculares e as disciplinas com seus conteúdos não foram criadas nem escolhidas pela escola, mas elas são impostas por uma ideologia ou filosofia de políticas governamentais ou por instituições particulares. Na base, estariam as exigências sociais ou os interesses de outra ordem?

Certamente o esporte não escapou à regra. Resta saber se ele está em consonância com a política pedagógica da escola em seu processo de educação cognitivista ou se é tratado como algo a parte e, talvez, autônomo.

Em todos os autores consultados, observei uma convergência unânime sobre certos componentes pedagógicos, presentes nos esportes. O principal e primeiro apontado é o **valor ético-moral**, que pode ser resumido nestas palavras de Borotra: “Afinal, o esporte inicia as massas em uma ética, em uma maneira de ser, em um comportamento moral”³¹⁹.

A socialização através do esporte é o segundo componente pedagógico do esporte. Segundo lembra Valter Bracht, “Muitos pedagogos da Educação Física têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, contribuição essa eu tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da educação física nos currículos escolares. Neste sentido, as colocações indicam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem ‘os outros’, que para convivência social, precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (OBER-TEUFER/ULRICH, 1977); aprendem, também, conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc.”³²⁰

Um terceiro fato educativo do esporte, também lembrado unanimemente, é o do **desenvolvimento físico saudável** de mãos dadas com a formação moral. G. Berthaud, em seu estudo *Educación Deportiva y Deporte Educativo*, desenvolve com muita precisão a vinculação do físico com o ético do caráter pedagógico atribuído ao esporte dentro e fora da escola. Diz ele: “Em todos os setores culturais da sociedade desenvolveu-se a idéia, (...), de que o esporte não só é um meio privilegiado para a educação física dos indivíduos, senão um meio insubstituível para sua formação geral, moral cívica e cultural.” (...) Mas é na escola, onde toda juventude se encontra reunida, onde se põe o acento na educação esportiva e se proclama aos gritos sua organização racional e sistemática”.³²¹ Mais adiante Berthaud cita os seguintes dizeres do presidente francês, George Pompidou, “Quando uma nação está em forma, isto se manifesta em todos os aspectos, inclusive no esporte. O que deve acontecer pela generalização do esporte na escola. O que é verdadeiro a respeito da escola, o é também a respeito do quartel”.³²² Para continuar com os franceses, é muito significativo o sugere Missofre, ministro da educação do governo Pompidou, a D. Cohn-Bendit, um

³¹⁹ Borotra, apud Ginette Berthaud, *Educación deportiva y deporte educativo*. In *Partisans*, Op.Cit. 98.

³²⁰ Bracht, V. Op. Cit. P. 58/9

³²¹ Berthaud, G. Op. Cit. P. 97

³²² Id. Ibid.

dos líderes do movimento de 68, “Se tens problemas sexuais, mergulhos na piscina. E seu sucessor, um tempo depois, acrescenta: “A juventude deve encontrar um alívio no esporte”.³²³

Para complementar a vinculação do esporte com saúde, qualidade de vida e ecologia, quero fazer referência, entre outras publicações, a coletânea de textos, organizada pelos professores Wagner Wey Moreira e Regina Simões, publicada pela UNIMEP com o sugestivo título: **Esporte como fator de Qualidade de Vida.**³²⁴ São mais de três dezenas de autores que tratam o tema de diferentes ângulos da biologia, filosofia, meio ambiente, comunicação, sociologia, etc. sempre tendo como centro o esporte e a qualidade de vida.

Vou permanecer nesses três componentes para não me delongar e porque apareceram com unanimidade nos autores consultados. Vários outros são citados, inclusive aparecem nas citações acima apresentadas.

Assim, vamos para o último item que, na verdade, é o mais decisivo para solucionar o enigma do tema da palestra.

5. ALTERNATIVAS PARA O ESPORTE SER DA ESCOLA

Chegou o que mais interessa. Depois de um longo percurso, talvez, devaneio é preciso ir diretamente ao assunto. Para que se possa falar em esporte da escola há só duas possibilidades. O esporte é uma invenção da escola em função de sua tarefa educacional; ou se transformas os esportes existentes segundo a política pedagógica assumida pela escola.

O primeiro caso, que seria o mais eficaz pedagogicamente, provavelmente, pelo menos no momento, seja impraticável. Resta a segunda alternativa, a escola transforma os esportes.

Dizendo isto nada está resolvido. É preciso saber como operacionalizar a transformação. Cada um poderá ter uma solução. Eu vou apresentar a minha. E a minha solução é adotar a teoria pedagógica da problematização de Trebels referente ao ensino do movimento e transferi-la para o esporte.³²⁵

5.1 Teoria pedagógica da problematização (Trebels)

Pela teoria pedagógica da problematização, Trebels visa fazer com que o aluno se torne sujeito da atividade de ensino-aprendizagem através da “ação-reflexão-ação” na solução dos problemas em debate. No caso do ensino do movimento pela disciplina de educação física, os participantes são estimulados a estabelecer uma relação com os movimentos e jogos ou esportes a partir dos significados político, sócio-cultural, afetivo e existencial que eles possam trazer para cada um. A solução dos problemas deve ser participada por todos.

Essa metodologia ou didática problematizante pode começar pela compreensão dos processos de simbolização. O esporte seria uma organização simbólica à maneira da simbologia da narrativa onírica em Freud; do sistema de trocas nas relações de parentesco em Levi-Strauss; das manifestações simbólicas das Técnicas corporais em Marcel Mauss; ou das trocas comerciais em Malinowski (Argonautas do Pacífico Ocidental).

Assim os jogos são uma reprodução simbólica de uma determinada ordem cultural. Neste sentido é bom lembrar a interpretação que Ruben Alves faz do jogo de xadrez, que seria um modelo

³²³ Bertheaud, G. Op. Cit. p. 97/8.

³²⁴ Moreira, W.W. e Simões R. (org.) Esporte como Fator de Qualidade de Vida. Piracicaba: Editora UNIMEP 2002.

³²⁵ Trebels, Apud Kunz, E. Op. Cit. p. 192 ss.

de vida social.³²⁶ E a respeito do esporte moderno estaríamos diante de uma sociedade capitalista construída pela ciência e pela tecnologia e regida pelo poder econômico.

Nesta reflexão, para conduzir a problematização, não será seguido o modelo de Trebels que se constitui de cinco pontos.³²⁷ Achei menos acadêmico e mais provocativo recorrer a fatos, opiniões e situações tendo como referência os componentes ou valores existentes nos esportes, em especial, os de alto-rendimento.

5.2 Estratégias de problematização para o esporte da escola

Há diferentes técnicas de problematizar um tema. A mais freqüente é utilizar questionamentos, aqui serão utilizados pequenos textos, o que não significa dizer que contenham a verdade, mas, certamente uma verdade ou uma maneira de entender o esporte.

5.2.1 Relações de produção capitalista industrial

“O esporte não é um fenômeno abstrato, um fato cultural geral, uma conquista da humanidade. Não é uma entidade supra-histórica que se mantém ao logo dos séculos. Como toda realidade social, o esporte se inscreve no marco das *relações de produção* que determinam, no fundamental, sua estrutura interna, sua natureza profunda. Na atualidade, o esporte está determinado pela sociedade capitalista, pelas relações de classe.³²⁸ O esporte, como fato social, tem, portanto, uma natureza classista. Entretanto, como prática social de um determinado tipo, o esporte está condicionado pelo desenvolvimento *das forças produtivas*”. O esporte moderno está ligado ao advento do maquinismo industrial e à modalidade científica e técnica de organização produtiva. Em definitivo, o esporte moderno, em todos os seus fenômenos e manifestações, está vinculado estruturalmente a *uma base econômica*, a uma determinada infra-estrutura: as relações de produção capitalista industrial”.³²⁹

5.2.2 Rendimento corporal e divisão tecnológica do corpo

“O esporte é o produto supremo da divisão tecnológica do corpo. (...) O esporte concebe o homem como uma máquina animal com que se pode dividir os membros e racionaliza-los tecnologicamente de maneira separada (corrida, salto, lançamento, etc.), enquanto que, nos modos de produção anterior o corpo era concebido, essencialmente, como uma totalidade. Neste sentido, a técnica esportiva obedece ao procedimento inverso da evolução da máquina”.³³⁰

João Batista Freire em seu artigo, Métodos de Confinamento e Engorda (como fazer render mais porcos, galinhas e crianças...),³³¹ de forma bastante agressivo, ele faz uma dissecação dos processos inventados pelos homens para ampliar o rendimento de tudo. Sua crítica pode ser complementada por esta passagem de Bertthaud: “O objetivo final da educação esportiva, que é a

³²⁶ Alves, Rubem. Filosofia da Ciência. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981, p. 66. “Você já se deu conta de que o xadrez é um modelo da vida social, inspirado no jogo do poder? As peças sem valor vão na frente. Elas são importantes, mas devem ser sacrificadas para salvar as peças poderosas. Os soldados sempre morrem primeiro. E as peças tipicamente militares se combinam com o rei e a rainha”. Etc.

³²⁷ Trebels. In Kunz Op. Cit. P.193/4.

³²⁸ Sobre o tema das relações entre esporte e classes sociais sugiro conferir o livro de Luc Boltanski. As classes sociais e o corpo.

³²⁹ Laguillaumie, Pierre. Para uma crítica fundamental do esporte. In Partisans: Deporte, cultura y represión. Op. Cit. P. 32ss.

³³⁰ Brohm, J-M. Op. Cit. p. 11.

³³¹ Freire, João Batista. In Educação Física & Esportes – Perespectivas para o século XX. P. 109.

aprendizagem do máximo rendimento corporal – (sitius, altius, fortius) – num tempo e num espaço determinados, gera o sistema esportivo, a indústria organizada da contribuição, cujo aspecto mais característico é a racionalização do sistema para medir os resultados da competição”.

5.2.3 Consciência corporal e brincadeira

“A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade. Ela só pode crescer dessa maneira quando o faz numa dinâmica de brincadeiras com a mãe e o pai”. (...) “Brincar não é de maneira nenhuma uma preparação para ações futuras: vive-se o brincar quando ele é vivido no presente” (...) “Entretanto, vivemos numa cultura que nega a brincadeira e valoriza as competições esportivas”.³³²

5.2.4. Simplesmente brincar

Diálogo entre o pai e Calvin, o herói infantil de Bill Waterson:

Pai: Então, te inscreveste para jogar Baseball?

Calvin: Sim, só para pararem de me chatear.

Pai: Bem, esportes são uma boa coisa. Constroem o caráter, ensinam ganhar e perder.

Calvin: Mas eu não quero aprender ganhar e perder! Nem mesmo quero competir! Que há de mal em simplesmente divertir?

Pai: É proibido para os adultos.

Calvin: Então preciso aproveitar agora!³³³

5.2.5 Herói, mito e magia

Os jogos, desde tempos imemoriais, estiveram vinculados ao sagrado, aos deuses, aos templos e a magia. Hoje aparentemente foram laicizados, mas nem tanto. “Um comportamento muito atual, que aproxima o jogo da magia, é a idéia do duplo que se instaura com o mito. O herói, ou o ser superior e semi-deus, torna-se o duplo daquele que nele acredita. Ele se identifica com seus ídolos, O ídolo é seu outro. Ele torna-se o seu vingador, o portador e realizador de seus sonhos, de seus desejos, de suas ilusões. Os êxitos do ídolo são seus próprios êxitos. No caso do esporte, o torcedor julga-se contribuinte dos feitos de seus ídolos; com isso sente-se recompensado de seus fracassos e de suas frustrações. Talvez, por essa razão, Brecht tenha dito: “Infeliz o povo que precisa de heróis”.³³⁴

5.2.6 Fantasia e criatividade

“Os ingleses viveram um fragmento de ‘Cem anos de solidão’. Pagaram ingresso para uma simples partida de futebol e tiveram uma excelente introdução à cultura de um povo. De Higuíta para Gabriel Garcia Marquez é apenas um passo. No Brasil um goleiro como Higuíta não só jamais chegaria à seleção com o não seria aceito num grande clube. Tetracampeões do mundo, temos um compromisso com a eficácia e um divórcio cada vez mais profundo com a fantasia. Nossos goleiros não convidam ao romance, mas à leitura do Diário Oficial, e nossos projetos nacionais jamais se distanciam da máxima: O empate é um bom negócio”.³³⁵

³³² Maturana, H, Verden Zöller, Gerda. Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 229 e 241.

³³³ Jornal do Estado de São Paulo. s/r.

³³⁴ Santin, S. Educação Física: Da Alegria do Lúdico à Opressão do Rendimento. Porto Alegre: EST, 2000, 3ª Edição. p. 105.

³³⁵ Gabeira, Fernando. Folha de São Paulo. Caderno 5-10 de 02.10.1995. O fato se refere à atitude do goleiro Higuíta da seleção da Colômbia num jogo em Londres contra a seleção inglesa. Higuíta atacou uma bola fazendo uma cambalhota,

Os dribles e os malabarismos com a bola andam na mesma toada, mas também andam ameaçados pelos defensores do critério de eficiência esportiva ou da provocação.

5.2.7 Ganhar e critérios de avaliação

“Isso de ganhar ...

Será mesmo necessário ganhar? De onde vem a necessidade do ser humano de ganhar? O futebol do futuro vai se sem o gol como única aferição da vitória e sem juiz. O momento do gol será festejado pelos dois times e cumprimentados os autores. Nem será necessário a bola transpor alinha. Uma bela jogada de conclusão infeliz será considerada meio gol pelo time adversário que aceitará a qualidade de sua urdidura e mandará anotar o meio ponto. Haverá uma qualificação para a beleza das jogadas a valer pontos e dela participarão os dois times, mais empenhados em descobrir a beleza do que em evitá-la. O resultado final será a mescla do número de gols, como o de escanteios, o de jogadas belas e atitudes dignas de registro. Os dois times se reunirão para o proclamar e ambos comemorarão o fato de terem feito o espetáculo, aproveitando para verificar em que pontos melhoraram”.³³⁶

5.2.8 A competição como princípio supremo

“Atualmente essa coincidência entre propósito individual e propósito social não se dá, porque, no momento em que uma pessoa se torna estudante para entrar na competição profissional, ela faz de sua vida estudantil um processo de preparação para participar num âmbito de interações que se define pela negação do outro, sob o eufemismo: *mercado da sadia competição*. A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro”.³³⁷

CONCLUSÃO

Se for adotada a linha pedagógica problematizante cada um está convidado a elaborar sua conclusão.

De minha parte, como já foi anunciado no início de que não se trata de uma conclusão definitiva, vou recorrer a uma linguagem metafórica. Penso que a melhor e mais eficaz conclusão seja aquela em que não se chega ao fim do caminho, mas aquela que constata que foi dado um ou vários passos e sugere que, amanhã, será preciso retomar o caminho para continuar a caminhada.

Portanto, seguindo essa linha não-conclusiva quero dizer que o problema, no meu entender, não é saber quando e qual esporte é da escola, pelo simples fato de que todo esporte é sempre educacional. O desafio é saber que tipo de educação é proposta pelo esporte que é ensinado ou o modo como é praticado pela escola.

Silvino Santin

Santa Maria, 15 de outubro de 2007.

mãos no chão e pernas ao alto.

³³⁶ Távola, Artur. Comunicação e Mito: televisão em leitura crítica. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985, p. 2775-279. Publicado em Esporte Educacional: Uma Proposta Renovada, INDESP, op. Cit. P. 31.

³³⁷ Maturana, Humberto. Emoções e Linguagem na educação e na Política. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999. p. 13.